



XI Congresso Português de Sociologia
*Identities ao rubro: diferenças, pertencças e
populismos num mundo efervescente*
Lisboa, 29 a 31 de Março de 2021

Secção/Área temática

Identities, Valores e Modos de Vida

**A rejeição do isolamento social no contexto da pandemia em Angola: análise
sociológica sobre a interrupção do quotidiano dos Kupapatas em Angola**

SACATA, Narciso Rodrigues Cassoma; ISP Jean Piaget de Benguela, Angola: Cesp
- Centro de Estudo e Pesquisa; E-mail: narcisosacata@gmail.com

INGLÊS, Paulo; ISP Jean Piaget de Benguela, Angola: Cesp - Centro de Estudo e
Pesquisa; E-mail: pauloingles@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a rejeição do isolamento social, decorrente do estado de emergência decretado pelo governo angolano. Explora-se a noção de vida quotidiana, como um reservatório de previsões e que permite os indivíduos e grupos organizarem o seu dia a dia. O isolamento social é percebido, no contexto do estudo, como um elemento desestabilizador do quotidiano, que impede o provimento de alimentos para as famílias. A rejeição do isolamento social surge, no contexto do estudo, como um mecanismo de gestão do quotidiano. A pesquisa foi realizada com moto-taxistas, na periferia da cidade de Benguela, no centro-sul de Angola. A pesquisa é qualitativa e, como técnica de recolha de dados adotou-se pela entrevista. Os resultados da pesquisa levaram a conclusão de que os fatores da rejeição do isolamento social são a fome, as prioridades e o significado que os Kupapatas atribuem a fome e ao isolamento social.

Palavras-Chave: Isolamento social; vida quotidiana; Kupapatas; Angola

XI-APS-89528

Introdução

A pandemia da Covid-19 não é apenas um problema de saúde pública mundial. É também uma crise social segundo Sagot (2020, p. 107), porque acabou por romper o quotidiano dos indivíduos, em virtude das medidas administrativas que resultaram em restrições de movimentos. Uma destas medidas - o isolamento social - desencadeou muitas controvérsias e, em alguns casos, rejeições em vários países, tais como o Brasil e os Estados Unidos da América, motivadas, entre outras razões, pelo facto de o isolamento social desestabilizar o quotidiano.

Em Angola houve relatos de que os Kupapatas¹ continuaram a exercer as suas atividades de forma clandestina, quebrando, assim, o isolamento social obrigatório imposto pelo Decreto Legislativo Presidencial Provisório n.º 1/20, de 18 de março, sob alegações de que não podiam ficar em casa porque não tinham como sustentar as suas famílias. No mês de abril, a Polícia Nacional, apreendeu cerca de 950 motorizadas, por desobediência às normas do Estado de Emergência (GCSGPB, 2020).

Este texto discute o conceito de isolamento social percebido como uma das “medidas de afastamento social, essenciais à saúde pública” e “especialmente utilizadas em respostas a uma epidemia e pretendem proteger a população pela quebra de transmissão entre indivíduos” (de Freitas, 2020, p. 1).

O artigo demarca-se dos estudos sobre o isolamento social comumente usado em medicina, como um procedimento de tratamento de pacientes com doenças infecciosas, capaz de contagiar as demais (Zamparoni, 2017); em tratamento psicológico, (Domingues-Castro & Torres, 2018); para compreender o sentimento de solidão de adolescentes e jovens (Ferreira, Santos, Ribeiro, Freitas, Correia, & Rubin, 2013); ou o impacto das TIC na vida social (Paiva & Costa, 2015).

O texto concentra a alteração sobre o isolamento social como um fenómeno sociológico que altera o quotidiano dos sujeitos. E, para o efeito, o artigo fundamenta a tese recorrendo as teorias da ação, principalmente a partir de Max Weber e Talcott Parsons e a teoria das necessidades, de Maslow.

Deste modo, o texto propõe-se a perseguir os seguintes objectivos:

1. Analisar o isolamento social enquanto medida de gestão de saúde pública que cria interrupção no quotidiano dos Kupapatas, obrigando a esta classe adopção de estratégias de protecção do quotidiano;
2. Descrever de que modo certos

constrangimentos, como a fome, podem influenciar a atitude de rejeição do isolamento social, e que significado tem a fome em relação ao isolamento social em tempo de Pandemia da Covid-19; 3. Identificar os critérios de organização das prioridades da vida quotidiana dos Kupapatas, face à fome e ao isolamento social em Benguela.

Este artigo decorreu de várias observações feitas aos Kupapatas da cidade de Benguela ao longo da fase de Estado de Emergência em que se observou frequentemente a circulação dos Kupapatas a transportarem pessoas pelos diversos bairros, mesmo quando tal actividade encontrava-se vedada, por força do Decreto Legislativo Presidencial acima mencionado.

Nesta linha, procurou-se trabalhar com os Kupapatas do mercado informal Chimútue, localizado nos arredores do bairro da Cambanda, município de Benguela, no Centro Sul de Angola, que foram entrevistados para se aprofundar as razões da rejeição das normas do isolamento social. Como opção metodológica, a abordagem qualitativa pareceu mais vantajosa porque, além de permitir fazer recortes longitudinais na captação de intersubjectividades, através das quais o quotidiano se constitui, permitiu uma maior descrição do “mundo da vida” em sujeitos que reflectem sobre as suas experiências. As entrevistas não diretivas e, em alguns casos, em profundidade, foram as principais técnicas de recolha de informações utilizadas. Deste modo, o artigo discute no primeiro momento os aspectos teóricos concetuais, mormente, o quotidiano, a norma, o isolamento social e a fome; e, no segundo momento, debruça-se sobre o enquadramento empírico da pesquisa, a discussão dos resultados e as considerações finais.

1. Enquadramento teórico

1.1. Da vida quotidiana às interrupções

Na visão de Pais, o quotidiano “é o que se passa todos os dias” (Pais, 1993, p. 108). O autor acrescenta que, o que se passa no quotidiano é rotina, e esta última, presume a ideia de quotidianidade que se manifesta no hábito de fazer as coisas sempre da mesma forma (Pais, 1993).

Tais coisas (atividades) as quais Pais menciona foram encontradas no trabalho de Inglês (2016), sobre o quotidiano do pós-conflito em Angola.

Segundo este autor,

Trata-se de atividades quotidianas (como, por exemplo, levantar-se, tomar banho, vestir-se, tomar o pequeno-almoço, sair de casa, cumprimentar os vizinhos, ir ao mercado, apanhar um táxi, ir buscar água à fonte, etc.), isto é, de actividades rotineiras, hábitos, experiências garantidas à partida, aquilo que não é ainda fruto da reflexão, mas actividades que se foram forjando através de repetições (Inglês, 2016, p. 11).

Falamos, assim de rotinas. Neste sentido, importa citar Giddens, (2010, p. 82) segundo o qual as rotinas do dia a dia são interações quase constantes entre as pessoas, que formam e estruturam as práticas. Isso quer dizer que, através da observação da vida quotidiana, é possível perceber a estrutura social das interações sociais, a forma como as pessoas agem e o modo como moldam a realidade, ou seja, a forma como as pessoas reinventam a realidade social (Giddens, 2010).

Contudo, é relevante destacar que, “na vida quotidiana, a familiaridade das coisas, por sua própria natureza, não nos chama a atenção. Somente quando estamos surpresos, quando as coisas não são como esperávamos, nos tornamos conscientes das nossas expectativas explicitamente” (Gosetti-Ferencei, 2007, p. 13). É, por conseguinte, a partir desse momento que se pode falar de interrupção do quotidiano porquanto a vida do dia a dia impõe surpresas ingentes que muitas vezes, foge do controle do indivíduo.

Segundo Pais (1993, p. 109), a raiz etimológica da palavra “rotina” deriva do latim - *via, rupta* - ou seja, rotura ou rutura, ato ou efeito de romper, ou interromper, corte, rompimento e fratura. Numa palavra, a interrupção do quotidiano é ato constituinte da própria vida quotidiana. Neste quesito, a visão de Inglês (2016, p.16), sobre a interrupção da rotina, é a de que, o dia a dia é confrontado com o inesperado, com coisas estranhas que quebram o quotidiano.

Nesta contínua interrupção do quotidiano, os atores precisam reconstruir novas rotinas - uma forma residual de reconstruir o social, ou melhor dito, a “realidade” do social. Essa reconstrução exige dos atores criatividade, pois trata-se de reinventar o quotidiano. O ponto é que, “a criatividade não se refere aqui a inventar soluções para resolver um problema, mas à redefinição da relação entre o sujeito e o seu contexto” (Inglês, 2016, p.16). Além do mais, a criatividade refere-se a reordenar, reorganizar

ações e definir estratégias para que se possa obter êxitos e continuar a prática do dia a dia. Trata-se, no fundo, numa forma de proteção do quotidiano.

1.2. Norma, ação social e prioridades: da assunção à rejeição da norma

Os indivíduos são seres racionais pelo que dão sentidos às suas ações ou comportamentos, como Garcez (2014, p. 64) propõe, a partir do enquadramento de Max Weber: o sentido da ação está associado à compreensão, ou seja, os atores não agem sem pensar, porque a ação advém da reflexão, da consciência ou da razão consciente.

São os significados atribuídos a estas ações que tornam a ação social: a ação é social quando, pelo significado subjectivo que lhe é atribuído pelos actores individuais, tem em conta o comportamento dos outros. É portanto, a ação orientada para os outros e o significado que o indivíduo confere a esta ação que a tornam social (Inglês, 2016, p. 13 - 14).

Nesta perspectiva, ação do individuo é consciente e reflexiva como refere Buzato “os indivíduos no quotidiano devem ser aqueles que independentemente de serem sujeitos subalternos às normas e leis, são, contudo, produtores das suas próprias ações sob aparência de sujeição, criando dentro deste sistema disciplinar, formas de inclusão do seu dia a dia” (2008, p. 326).

1.3. Isolamento social: uma crise pandémica

1.3.1. A crise pandémica

Como dissemos na introdução, a pandemia da Covid-19, não é apenas um problema de saúde pública mundial, ela, é antes de mais, uma crise social (Sagot, 2020, p. 107), que acabou por escaqueirar o quotidiano dos indivíduos na sociedade.

Recentemente, num trabalho publicado em Portugal sobre “Sociedade e Crises, (Oliveira, Machado, Sarmiento, & Ribeiro, 2020) a pandemia é descrita como uma profunda crise mundial, transversal a todas as esferas da sociedade, correlacionada com vários fenómenos, desemprego, imigração, turismo, ambiente, até mesmo, com o futuro da sociedade. Na obra acima mencionada, Esteves (2020) descreve a pandemia como

um fenómeno sanitário e evidencia a falta de capacidade das sociedades para lidar com certas doenças, não obstante, o progresso da ciência e da tecnologia que a pós-modernidade oferece.

Fruto desta pandemia, no contexto mundial, ao longo mês de março de 2020, mais 3,3 biliões de pessoas, ou seja, quatro em cada 10 pessoas no mundo encontravam-se em isolamento social obrigatório durante o mês de março (OMS, 2020).

1.3.2. Isolamento social

Neste estudo, o termo isolamento social é também usado como equivalente a “quarentena”, que ocorre quando o governo decreta que uma pessoa infetada, ou sob suspeita de estar infetada por um vírus, isole-se do convívio social na sua própria casa (quarentena domiciliária) ou em abrigos específicos para o isolamento, ou numa unidade hospitalar (quarentena institucional), como está a ocorrer nos nossos dias (Porfírio 2020).

O isolamento social pode ser voluntário em circunstâncias em que a pessoa, por conta própria, decide afastar-se do grupo por diversas razões. E, pode ser diferentemente involuntário ou obrigatório quando ocorrem inúmeras situações como, risco social, guerras, epidemias ou crime no caso, dos reclusos (Porfírio 2020).

Existem diversos fatores que forçam o isolamento social. Um destes refere-se aos casos de problemas psicológicos ou psíquicos. Os indivíduos que sofrem desse mal, aliás, isolam-se, fruto do comportamento do grupo de pares, ou até mesmo da família (Ferreira, *et al.*, p. 118). Outros, aos conflitos políticos, que produzem circunstâncias em que os civis são forçados a isolar-se em casa ou em abrigos na procura de segurança (Porfírio, 2020). Por fim, temos o uso frequente da TIC e da internet Giddens, (2010, p. 476) que conduzem os usuários a despenderem menos tempo com a família, ou brincar com os grupos de pares, no caso das crianças, (Paiva & Costa, 2015, p. 6). Os fatores apontados nesta pesquisa são apenas as doenças epidémicas.

Na Idade Média, e do ponto de vista antropológico, os indivíduos acreditavam que a deformação fisiológica do organismo humano era resultado de uma maldição ou punição divina, e, sobretudo, estava ligado à presença do demónio. Os leprosos eram, conta-se, abominados pela comunidade, que os acusava de trazer maldição na

coletividade, pois, ao conviver com a comunidade, suspeitava-se que pudessem envenenar a água e espalhar a doença (Zamparoni, 2017, p. 15).

Nesse sentido, Esteves (2020, pp. 15 - 17) faz alusão a diversas epidemias “velhas doenças” que coabitam na atual sociedade industrializada e urbanizada, citando, tuberculose, a cólera ou a peste bubónica, a gripe russa entre outras. Todas são contextos de isolamento social, em diversos momentos históricos das sociedades.

A crise sanitária vivida entre 1918 e 1920 obrigou à tomada de um conjunto de medidas, que variaram de país para país, que ditaram o encerramento de escolas, teatros, cinemas e salas de espectáculos, a imposição de quarentenas e o uso de máscara, a proibição de ajuntamentos, o isolamento e a sensibilização das pessoas para o cumprimento de regras sanitárias, mas que não impediram a propagação da enfermidade e os milhões de mortos. Afinal, as medidas de hoje não são novidade! (Esteves, 2020, p.17).

Estas medidas têm uma única direção: um ataque ao quotidiano dos indivíduos que encontram na rotina a construção da realidade e das realizações das suas vidas. As medidas que exigem encerramento de instituições reduzem o espaço de atuação do indivíduo na vida quotidiana.

1.4.A Fome: da pobreza à carência alimentar em tempo de pandemia

A fome não é resultado da falta de alimento, mas, da pobreza. Com a pandemia o cenário da fome agudizou-se com particular atenção aos trabalhadores informais. Devido às várias medidas de restrições e de isolamento social, afetou em grande medida as populações assalariadas diárias nas economias informais, que acabaram por ter uma quebra ou interrupção no seu quotidiano laboral, prejudicando os rendimentos diários, em resultado de regulamentos sobre distanciamento social físico e isolamento social imposto pelos governos para conter a transmissão da pandemia (Global Report on Food Crises [GRFC], 2020, p.5).

Em termos estatísticos, mais de 50 países e mais 7 milhões de pessoas no mundo sofrem desse hediondo mal e, até no presente momento, país algum, conseguiu erradicar esse fenómeno aliás, com a crescente vertiginosa expansão da Covid-19, a situação tende a agudizar-se (GRFC, 2020, p. 4).

Na perspetiva de Pestana (2011, p. 9), uma pessoa, no estágio da fome, experimenta uma gritante falta de recursos materiais que lhe impedem a satisfação desta necessidade básica, (Abreu, 2012, p. 97). Neste domínio, o seu objetivo é unicamente a procura de condições de subsistências, uma vez que, o seu rendimento económico encontra-se abaixo da subsistência, (Giddens, 2010, p. 313; Abrantes & Katúmua, 2014, p. 197).

Estamos numa sociedade de consumo, as pessoas estão destinadas a consumir (de Jesus 2018, p. 91). Com os novos modos de vida baseados em exigências e correrias, as pessoas têm pouco tempo para tomar uma refeição normal, o que motivou as indústrias alimentícias a adequação de medidas ajustadas, quer em termos de níveis de produção, quer em termos de qualidade. Ainda assim, regista-se um índice elevado de fome no mundo. Pode constatar-se que devido ao crescimento da produção de alimentos, associado à melhor qualidade de vida e bem-estar dos indivíduos, o mundo depara-se com o fenómeno de desperdício de alimentos de Jesus, (2018, p. 95), daí, que há pessoas com descomedimentos e glotonarias, e enquanto outras alimentam-se do lixo, fruto da pobreza extrema.

2. Enquadramento empírico

2.1. Materiais e métodos

Nesta investigação, procurou-se descrever o fenómeno estudado e determinar a natureza das relações que podem existir entre o isolamento social e o quotidiano, (Gil, 2002).

Seguiu-se o método qualitativo, adotando-se neste caso, uma abordagem compreensiva da sociologia proposta por Santos, (2014, p. 1), e que pretendeu, entre outros objetivos, interpretar e compreender a intenção das prioridades dos Kupapatas diante da fome e isolamento social (Ramos & Naranjo, 2014, p. 34). Na essência, tal abordagem metodológica, inspirado na Antropologia, consiste em considerar os entrevistados como informadores e visa desenvolver a explicação sociológica através de uma dialética permanente entre reflexão teórica e observação da realidade concreta colocando em evidência os processos sociais, Santos (2014, p. 3).

Recorreu-se a entrevista em profundidade considerando os atores sociais como produtores de conhecimento, acedendo, assim, ao mundo dos entrevistados e aos significados que atribuem às suas ações e aos fenómenos sociais (Santos, 2014, p. 3).

As referidas entrevistas foram marcadas na primeira semana do mês de agosto, e nessa altura, tinha sido apazada para os dias 17 a 21 de agosto de 2020. A hora da entrevista foi sugerida pelos próprios entrevistados, das 10h30min às 14h30min, sendo que ficou combinado que o local da entrevista seria na parada dos mesmos, ou seja, no local de trabalho dos entrevistados.

As entrevistas duraram em média 10 minutos, sendo a entrevista menos longa foi de 7 minutos e 37 segundos e a mais demorada de 11 minutos e 48 segundos. As mesmas ocorreram no carro dos entrevistadores para diminuir o ruído e aumentar a qualidade da gravação. Como instrumento de gravação foi usado um telemóvel que, durante o processo de gravação, foi colocado no modo voo. Adotou-se o tipo de entrevista aberta que serviu para aferir o grau de entendimento dos entrevistados sobre o momento do confinamento que o país vivia.

Foram exploradas, por um lado, as dimensões objetivas como, o rendimento diário obtido pelos Kupapatas antes e durante a pandemia no caso concreto, o isolamento social; as estratégias de interrupção do quotidiano e as razões da rejeição do quotidiano e, por outro, as dimensões subjetivas, como prioridades dos indivíduos ante às das normas do isolamento social e os significados atribuídos que os trabalhadores informais atribuíram às normas administrativas de proteção contra o vírus.

Apresentação e discussão dos resultados

Como se tem vindo a afirmar, em relação à população alvo, trabalhou-se na presente pesquisa com os moto-taxistas conhecidos por “Kupapatas da parada”² do mercado informal Chimútue do bairro da Cambanda. Na tabela a seguir, apresentamos as principais características destes participantes no estudo.

Figura 1-Idade e Género

Entrevistado	Idade	Género
Entrevistado 1	40 Anos	Masculino
Entrevistado 2	45 Anos	Masculino
Entrevistado 3	50 Anos	Masculino
Entrevistado 4	34 Anos	Masculino
Entrevistado 5	38 Anos	Masculino
Entrevistado 6	51 Anos	Masculino
Entrevistado 7	28 Anos	Masculino

Fonte: elaboração própria

Todos os Kupapatas são do sexo masculino. Em relação à idade observou-se um grupo heterogéneo, com a faixa-etária situada entre os 28 há 51 anos.

Figura 2 – Estado civil e número de filhos

Entrevistado	Estado marital	Número de filhos
Entrevistado 1	Casado	6
Entrevistado 2	Casado	4
Entrevistado 3	Casado	9
Entrevistado 4	Casado	3
Entrevistado 5	Casado	4
Entrevistado 6	Casado	4
Entrevistado 7	Solteiro	1

Fonte: elaboração própria

No que ao estado civil diz respeito, seis “Kupapatas” vivem maritalmente ou em união de facto e apenas um não tem relação marital. O número de filhos dos “Kupapatas” varia de um a nove, distribuídos na ordem que se segue: um “Kupapata” com um filho, um tem três filhos, três que têm quatro filhos, um com seis filhos e um com nove filhos.

Figura 3- Nível académico e Tempo de actividade

Entrevistado	Nível académico	Tempo de actividade
Entrevistado 1	12ª Classe	10 Anos
Entrevistado 2	6ª Classe	10 Anos
Entrevistado 3	6ª Classe	15 Anos
Entrevistado 4	6ª Classe	12 Anos
Entrevistado 5	13ª Classe	7 Anos
Entrevistado 6	6ª Classe	15 Anos
Entrevistado 7	13 Classe	1 Ano

Fonte: elaboração própria

Acrescenta-se também que nesse grupo de sete Kupapatas, foi possível constatar seis com 6ª classe concluída, um, a frequentar a 12ª classe e dois que frequentam a 13ª classe. No que tange ao tempo de exercício dessa atividade, apenas um Kupapata está há um ano. Os demais estão há mais tempo: entre 7 e 15 anos. Um “Kupapata” trabalha há 7anos, dois há 10 anos, um há 12 anos e dois há 15 anos.

2.1.1. O quotidiano dos Kupapatas antes da Pandemia

Os entrevistados já tinham as suas rotinas padronizadas e estruturadas antes do Estado de Emergência, sendo certo que, a vida do dia a dia era para eles, muito normal e tinha alguma tranquilidade. Eram independentes, tinham um horário próprio, alguns iniciavam as suas actividades muito cedo, entre 5h a 7h da manhã e terminam entre 6h a 8h da noite. Já tinham, de igual modo, definido rendimento diário, tal como explicam:

“Sim, antes do estado de emergência a nossa rotina era muito aproveitada, era muitíssimo aproveitada, quer dizer, a hora de acordar dependia do kupapata, no meu caso como sou novo, acordava 6h a 7h [risos] trabalhávamos até 18h, mas há colegas que iam mesmo até as 20h, e há ainda, aqueles que acordavam mesmo as 5h da manhã para “entrar no terreno”³, era mesmo muito, mas muito mesmo aproveitada” [E_7]. Reforça o outro entrevistado, *“Antes do estado de emergência, tudo dependia do movimento diário. [risos] Antes do estado de emergência fazíamos 2000 kzs ou 1500 kzs por dia, dependendo do movimento”*

[E_1]. *“Antes do Estado de Emergência, nós trabalhávamos normalmente, conseguimos ter qualquer coisa”* [E_4].

Fazia parte dessa rotina iniciar atividade laboral numa hora conveniente a cada um e terminar o trabalho no horário que lhe permitisse atingir a meta ou o rendimento diário. De qualquer modo, esta rotina ficou sempre marcada pelas tensões com a polícia. Como nos afirma uma das pessoas contactadas:

“Desde sempre nós trabalhamos sob pressão, do estado ou da polícia ... Sim, conseguimos ir em todos os bairros, mas entre os Kupapatas e a polícia não existe uma boa colaboração, porque tudo por nada, é logo prender a mota. Os polícias não têm sido pedagogos” [E_5].

Apesar das dificuldades, o rendimento diário dos Kupapatas na fase normal estava cotado acima de 1000 kzs e abaixo de 3000 kzs, como foi afirmado nas entrevistas a seguir:

“Epá [risos], independentemente de cada um, há quem fazia 1500 kzs outros 2000 kzs e ainda outros 3.000kzs” [E_1]. Na mesma linha de pensamento diz o outro entrevistado que *“Antes do estado de emergência nós trabalhávamos normalmente, conseguíamos ter qualquer coisa. Mais ou menos 2000 kzs a 2500 kzs conseguiam levar”* [E_4]. Por fim, rematou o [E_7] *“Antes fazíamos 2000 kzs. Nas primeiras duas semanas de cada mês o rendimento é maior porque pagavam os funcionários, mas nas últimas duas semanas, já são fracas”*.

No que ao rendimento diz respeito, pode-se aferir que os Kupapatas vivem de um rendimento diário, dependem do movimento que ocorre em cada dia. Ficou claro, que para além das dificuldades impostas pela manutenção técnicas das motorizadas, há as que decorrem das tensões com os agentes reguladores de trânsito e que interferem no rendimento económico. Os Kupapatas são afetados pelas variações nos pedidos: a procura destes serviços sobe vertiginosamente nas duas primeiras semanas de cada mês quando os funcionários públicos angolanos são pagos e desce drasticamente nas duas últimas semanas de cada mês.

2.1.2. Da interrupção do quotidiano a rejeição do isolamento social

Segundo Joas “numa situação de crise, isto é, em que o hábito ou quotidiano é interrompido, é a própria situação da acção que é redefinida: novas possibilidades emergem e novos fins e meios são definidos” (Joas, 1996: 133, citado por Inglês, 2016, p.17).

Ora, a interrupção do quotidiano dos Kupapatas em Angola surge com o Decreto Legislativo Presidencial Provisório nº 1/20, de 18 de março, que declarou o Estado de Emergência em todo o território nacional, face à ameaça do Covid-19. Como consequência, foi suspensa a circulação de pessoas na via pública, exigiu-se um confinamento ou isolamento social obrigatório e foram suspensas algumas atividades económicas entre elas, as de moto-táxi, como reza o artigo 35.º, no seu ponto 4 do referido decreto “É proibida a actividade de moto-táxi”.

Segundo os entrevistados, este decreto não só definiu a política de combate à pandemia, como também sentenciou a vida quotidiana desta classe que sobrevive do dia a dia, como se refere a seguir:

“Quando surgiu o estado de emergência a situação ficou mais complicada ainda, fomos obrigados a paralisar com os nossos trabalhos, e paralelizando com as nossas atividades também a fome nos atacou, enfim, vivemos sérias dificuldades” [E_5]. *“No estado de emergência, aí tudo foi diferente, foi mesmo difícil, prá já, para tu conseguires mesmo 500kz para levar em casa podia dizer, que hoje trabalhei [risos] ... nas paradas não conseguimos trabalhar em condições e na rua quando você se cruza com o polícia ele fecha-te ou recebe a sua motorizada”* [E_4]. *“Nós, trabalhos mesmo sabendo do estado de emergência... Não dava para trabalhar o dia todo, porque sabíamos que atividade de moto-táxi estava proibida.”* [E_1]. *“(...) Quando chegou o estado de emergência, prenderam a minha motorizada então fiquei mesmo só a acompanhar os colegas”* [E_7].

Na alocação dos entrevistados pode-se constatar duas situações: i) é a interrupção do quotidiano através do decreto e do controle social cerrado feito pela polícia nacional. ii) a rejeição da que os mesmos não cumpriram com as normas do isolamento social, sobretudo, na fase do Estado de Emergência que exigia que todos os cidadãos estivessem em confinamento.

Diante do isolamento social que obrigou a interrupção do quotidiano os Kupapatas começaram a redefinir as relações com o quotidiano e a rejeitar o isolamento social. Abaixo, observa-se, quais as razões da rejeição do isolamento social.

2.1.3. As razões da rejeição do isolamento social

A fome é uma necessidade premente e fisiológica cuja satisfação não pode esperar, podendo ser definida como “a urgência de tomar alimento” (Texto Editores, 2010).

Quando foi colocada uma questão sobre as causas que levariam os Kupapatas a trabalhar, mesmo sabendo que o governo tinha proibido a atividade de moto-táxi, as respostas foram claras e unânimes: por causa da fome. Essa motivação se pode confirmar a partir das respostas dos entrevistados:

“O que nos fez trabalhar, é mesmo o fator fome (...). As chatices das crianças, elas não querem saber o que está a se passar, elas são inocentes, hum, são anjos, o que elas querem é comer todos os dias, não lhes interessa se o pai está como, se está mal ou bem, o que ela quer é comer” [E_1]. “Se você manda o outro ficar em casa sem comida, o que vai-lhe matar já não é mais a pandemia, mas sim, a fome, a fome é que vai nos matar mesmo todos” [E_3]. “Da minha parte, eu não conseguia ficar em casa porque não tenho nada para comer, os meus filhos também não têm nada para comer, então eu tinha de fazer tudo para sair mesmo de casa e foi mesmo obrigatório sair para conseguir qualquer coisa para os filhos comerem” [E_4]. “Bem ... meu irmão, mesmo conhecendo a doença, o que nos levou a sair de casa, nada mais e nada menos que a própria barriga, exige porque uma vez que não somos funcionários públicos (...) vivemos por conta própria, é complicado ficar em casa sem ter nada para o sustento, então essas são as razões pelas quais nós querendo ou não temos de ficar na rua correndo o risco, porque não temos alternativas [E_5].

Essa narrativa coincide com a análise das Nações Unidas sobre a fome provocada pela Covid-19 devido ao acesso à redução de acesso aos alimentos. O isolamento social das populações urbanas, particularmente assalariadas diárias nas economias informais e funcionários do sector de serviços, traz-lhes o risco de perder as fontes de renda (GRFC 2020, p. 5).

“Nós não temos emprego, sobrevivemos da atividade de Kupapata, do dia a dia”
[E_4].

A fome gera pressão e exerce coerção na classe dos Kupapatas acrescida pelas responsabilidades familiares condicionando-os a não ficarem em casa.

A questão das prioridades:

Assim, pode-se perceber que a classe de “Kupapatas” sentiu-se prejudicada com a paralisação das suas atividades, através da norma jurídica, que ao seu ver, não defendia os interesses da classe.

Neste sentido, segundo os entrevistados: *“Ninguém faz algo negativo para contrair a doença, mas (...), como já disse, é a própria fome (...). Porque se você não sair, também não come”* [E_4].

Os Kupapatas entendem que “ficar em casa” significa fome sustentando que,

“Quando tu dizes para as pessoas ficarem em casa, dá rendimento, dá comida... (...). Medo de apanhar doença, eu tenho, sei mesmo que primeiro é a saúde e depois é outra coisa, agora, o que obrigou as pessoas saírem para a trabalhar são as necessidades que as pessoas têm (...), as suas responsabilidades, os seus filhos precisam de comer, eles não querem saber se aí tem a pandemia, ou mesmo que o pai tem que ficar em casa, não querem saber. Então vais morrer de fome onde vais tirar comida se o teu emprego é mota” [E_2].

De algum modo, os “Kupapatas” definem como prioridade a fome, tanto é que, realizam atividade de moto-táxi, mesmo sabendo do risco que correm.

“Se você vê a polícia tem de fugir, porque não estamos autorizados a trabalhar, é desviar e fintar-lhe (...). Tudo isso é para ver se leva, só alguma coisa para casa (...). Quando você regressa já não sabe se vai trazer doença em casa ou não” [E_1].

“As pessoas têm a noção de que a doença mata, sabemos disso, mas por causa dos filhos, tenho de sacrificar-se se eu apanhar, deixar apanhar, mas a fome os meus filhos não morrem, hum então procuro os sustentos dos meus filhos” [E_2]. Um outro entrevistado reforçou essa ideia. *“Tudo bem que, a doença mata, porque sabemos que essa doença mata bem, e mata mesmo, nós estamos a acompanhar lá fora, está a matar mesmo muito, mas agora, você manda o outro ficar em casa sem comida,*

quem vai-lhe matar já não é mais a pandemia, mas sim, a fome, a fome é que ia nos matar mesmo todos” [E_3]. “Nós, só trabalhávamos mesmo nos bairros, quando você leva um passageiro ao invés de ir pelo asfalto você tem de “cortar-mato”⁴, ir de bairro em bairro, nos becos até no destino aonde o passageiro vai (...). Porque na estrada você vai se cruzar com a polícia e eles recebem a motorizada” [E_4].

O facto de os “Kupapatas” terem de fugir da Polícia demonstra, a necessidade de reinventar o quotidiano.

A questão do significado:

Segundo a declaração do Estado de Emergência:

Havendo necessidade de se tomarem inadiáveis providências adicionais, no quadro das recomendações da Organização Mundial da Saúde e à semelhança das boas práticas de prevenção e combate à expansão do Covid-19, adoptadas em quase todo o mundo, no âmbito das quais têm sido tomadas medidas de severa restrição dos direitos e liberdades, em especial no que concerne aos direitos de circulação e às liberdades económicas, com a finalidade de se prevenir e conter a transmissão do vírus, principalmente através da circulação comunitária (Decreto Presidencial n.º 81/20 de 25 de Março).

Essa declaração revela o principal objetivo do isolamento social: o de proteção da vida e daí o controlo cerrado da polícia e a apreensão das motorizadas, no sentido de evitar a circulação das pessoas. Contudo, esse objetivo não tem o mesmo significado para a classe de moto-taxistas, como se verifica nas entrevistas:

Os Kupapatas atribuem à fome, um significado de “vida” e, inversamente, ao isolamento social, o significado de morte.

“Tudo bem que, a doença mata, porque sabemos que essa doença mata bem, e mata mesmo, nós estamos a acompanhar lá fora, está a matar mesmo muito, mas agora, você manda o outro ficar em casa sem comida, quem vai-lhe matar já não é mais a pandemia, mas sim, a fome, a fome é que ia nos matar mesmo todos” [E_3].

Quando o entrevistado 2 coloca a questão “*então vais morrer de fome onde vais tirar comida se o teu emprego é mota*”? Não apresenta somente a fome como uma prioridade. Estará, antes, a comparar a fome e o isolamento social como dois fenómenos que podem matar. Contudo, se ficar em casa poderá morrer de fome. Neste caso, a fome toma o sentido de vida ou morte. Quer dizer, se não for feita alguma coisa que lhe permita adquirir algum rendimento para o sustento das suas famílias, correriam o risco, tal como sucedeu.

“Antigamente quando nós crescemos naquele tempo, quando íamos para lavra, para fazer os seus trabalhos, a mãe deixa as crianças e diz-lhes para ficar em casa, hum, ela deixava fuba, lenha, água e todas as condições que tinha e depois dizia ficam em casa [risos] ...O nosso governo é nosso pai, muito bem fiquem em casa, se não nós vamos morrer, tem razão, mas ele precisa dar alguma coisa de comer” [E_3].

Portanto, para o estado angolano, o isolamento social visa proteger a vida, ou seja, ficar em casa é manter a vida. No entanto, na visão dos Kupapatas, ficar em casa é morrer de fome, o que os leva a não obedecer a norma jurídica de isolamento social.

Considerações finais

Na tentativa de se perceber a rejeição do isolamento social no contexto da pandemia em Angola, a pesquisa centrou-se nos fatores do isolamento social, na interrupção do quotidiano, nas prioridades e significados que os trabalhadores informais atribuem à fome e ao isolamento social no seu dia a dia.

A pesquisa constatou empiricamente que o isolamento social que compreendeu toda a fase do Estado de Emergência em Angola, teve um impacto negativo no quotidiano dos Kupapatas, porque, forçou a interrupção das atividades quotidianas destes moto-taxistas.

Percebeu-se no contexto do estudo que a razão da rejeição do isolamento social por parte dos Kupapatas foi a fome. A rejeição do isolamento social, por parte deste grupo, longe de ser um protesto político, pode ser entendido como um engenho de proteção e

manutenção do quotidiano que permite aos Kupapatas obter rendimento para o sustento das suas famílias.

A pesquisa aponta para que se desenvolvam estudos que sugiram medidas atinentes ao isolamento social, que atendam a especificidade para trabalhadores informais, classes desfavorecidas e as assalariadas no dia a dia.

Notas

¹Kupapatas: é nome atribuído a indivíduos que realizam os serviços de moto-táxi. São ainda designados de Moto-taxistas ou motoqueiros. Esta expressão é muito comum nas províncias do Centro Sul de Angola, concretamente, Benguela, Huambo, Huíla e Kwanza-Sul.

² Parada: é o nome dado pelos Kupapatas ao local de estacionamento, a paragem onde se concentram pelo menos 10 moto-taxistas. São, portanto, o local de trabalho dos indivíduos que realizam essa actividade.

³ Entrar no terreno: significa começar actividade diária de moto-táxi. Portanto, ir ao local de trabalho (na parada) sendo que, o termo terreno toma o sentido de local de trabalho, parada.

⁴ Corta-mato: a expressão é usada no quotidiano Benguelense e designa o sentido de ir pelos atalhos, pelos becos dos bairros periféricos. Ocorre quando o indivíduo não segue uma rota normal, por exemplo, ir pelos becos ao invés do asfalto.

Por decisão pessoal, os autores do texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico

Referências Bibliográficas

Abrantes, P., & Katúmua, M. (2014). *Curso de Sociologia*. Lobito: Escolar editora.

Abreu, C. (1 de Junho de 2012). Desigualdade social e pobreza: ontem, hoje e (que) e amanhã. (P. d. Carvalho, Ed.) *Revista Angolana de Sociologia*, 9, 93-111.
<http://journals.openedition.org/ras/440>

Aguiar, M. M. (2007). A construção das hierarquias sociais: classe, raça, género e etnicidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*: 36/37, 83-88.

<http://docplayer.com.br/20900126-A-construcao-das-hierarquias-sociais-classe-raca-genero-e-etnicidade.html>

Avalia, R. N. (s.d.). Estudo sobre a solidão humana e sua explicação nas ciências psíquicas e na teologia: um estudo comparativo.

https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_15_1320095675.pdf

- Buzato, M. E. (2008). Inclusão digital como invenção do quotidiano: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Educação*. V.13, 38, 325-413.
<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/10.pdf>
- da Silva, V. L., Uller, C. M., dos Santos, J. D., & Rezende, F. A. (2017). Análise da motivação de pessoas: um estudo baseado em princípios da hierarquia de necessidades de Maslow. *Revista Foco*, v. 10, 2, 148-166.
https://www.researchgate.net/.../322922323_ANALISE_DA_MOTIVACAO_D_E_PESSOAS_um_estudo_baseado_em_principios_da_Hierarquia_de
- da Silva, V. L., Rezende, F. A., & Uller, C. M. (19 a 20 de Novembro de 2015). Teorias de motivação: Uma abordagem à hierarquia de necessidades de Maslow. *IX Congresso de Engenharia de produção Agro-industrial*.
www.fecilcam.br/anais/ix_eepa/data/uploads/6-engenharia.../6-01.pdf
- Diário da Republica. N. 35º I série. Decreto Legislativo Presidencial Provisório n.º 1/20 de 18 de Março.
- de Freitas, M. d. (16 de Março de 2020). Infecção por SARS CoV 2 (COVID-19) Distanciamento Social e isolamento. Lisboa, Portugal. <https://covid19.min-saude.pt/wp-content/uploads/2020/03/i026011.pdf>
- de Jesus, C. (16 de Julho de 2018). Do excesso de alimento à carência alimentar na sociedade da abundância e do bem-estar o contributo da sociedade civil para o combate ao desperdício alimentar. *Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*, 16, 90-113. <https://revista.aps.pt/pt/do-excesso-de-alimentos-a-carencia-alimentar-na-sociedade-da-abundancia-e-do-bem-estar/>
- Domingues-Castro, M. S., & Torres, A. R. (2018). Hikikomori: revisão sobre um grave fenómeno de isolamento social. *Jornal Brasil Psiquiatria*, 68 (4), 264-72. www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v67n4/0047-2085-jbpsiq-67040264.pdf
- Esteves, A. (2020). As crises sanitárias: uma perspectiva histórica. In M. Oliveira, H. Machado, J. Sarmiento, & M. d. Ribeiro, *Sociedade e crise (s)*. Braga: UMinho Editora. <https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/21/48/273-1>
- Ferreira, D., Santos, A. J., Ribeiro, O., Freitas, M., Correia, J. V., & Rubin, K. (2013). Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. *Análise Psicológica*, 2 (XXXI), 117-127.
https://www.researchgate.net/.../241686798_Isolamento_social_e_sentimentode_solido_em_jovens_adolescentes

- Garcez, E. F. (2014). Weber, Schutz e a busca do sentido de sentido na acção social: uma análise comparativa. *Revista Electrónica dos pós-graduados em sociologia política da UFSC*, 1, 63-90. <http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2014v11n1p63>
- GCSGPB, G. D. (2020). GAZETA DA COVID-19 - Semanário de Informação Geral da Comissão Provincial de Saúde Pública de Controlo à Pandemia da Covid19 em Benguela. *GAZETA COVID-19*, 01-24.
- Giddens, A. (2010). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (1975). *A estrutura de classes das sociedades avançadas*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projectos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Global Report on Food Crises (2020). Food Security Information Network. <https://www.wfp.org/publications/2020-global-report-food-crisis>. Extraído aos 27 de Abril de 2020.
- Gosetti-Ferencei, J. A. (2007). *The ecstatic quotidian: phenomenological sightings in modern art and literature*. University Park: Penn State University Press.
- Guillaume, X., & Huysman, J. (2019). The concept of ‘theeveryday’: Ephemeral politics and the abundance of life. *SAGE*, Vol. 54(2) 278–, 279-296. [sagepub.com/journals-permissions](https://www.sagepub.com/journals-permissions). Doi: 10.1177/0010836718815520
- Inglês, P. J. (2016). *Reconfiguração social em Angola: ordem local e quotidiano pós-conflito*. Tese de Doutoramento apresentada ao ISCTE- IUL Lisboa, Portugal. <http://hdl.handle.net/10071/12435>
- Ivo, A. B. (Janeiro/Abril de 2008). Georg Simmel e a Sociologia da Pobreza. *Caderno CRH*, 21, 171-180. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010349792008000100013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Katúmua, M., & de Andrade, M. P. (2018). *Sociedade, cultura e política*. Lisboa: Cultiva Livros.
- Natalino, M. A. (2018). Isolamento, disciplina e destino social em comunidades terapêuticas. In M. P. dos Santos, *Comunidades Terapêuticas: temas para reflexão*. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva. https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_15_1320095675.pdf

- Oliveira, M., Machado, H., Sarmiento, J., & Ribeiro, M. d. (2020). *Sociedade e crise (s)*. Braga: UMinho. Disponível em:
<https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/21/48/273-1>
- Pais, J. M. (Junho de 1993). Nas rotas do quotidiano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 37, 105-115.
https://www.researchgate.net/publication/282670211_Nas_rotas_do_quotidiano
- Paiva, N. M., & Costa, J. d. (2015). A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. *Portal do Psicólogo*, 1-13.
<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>
- Pessanha, M., Barros, S., Sampaio, R., Serrão, C., Veiga, S., & Araújo, S. C. (2012). *Psicologia da Educação*. Luanda: Plural Editores.
- Pestana, N. (2011). Pobreza, água e saneamento básico. *Universidade Católica de Luanda. Centro de Estudo de Investigação Científica*. Porfírio, F. (2020). Isolamento social.
<https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/isolamento-social.htm>
- Ramos, S. T., & Naranjo, E. S. (2014). *Metodologia da Investigação Científica*. Lobito: Escolar Editora.
- Rodrigues, C. U. (1 de Junho de 2012). Pobreza em Angola: efeito da guerra, efeitos da paz. (P. d. Carvalho, Ed.) *Revista Angolana de Sociologia*, 9, 113-123.
<http://journals.openedition.org/ras/451>
- Sagot, M. (2020). Muerte, control social y bienestar en tiempos de Covid-19. In A. Kassir, B. Bringel, G. Pleyers, B. Santos, J. Domingues, & B. Santos, *Alerta Global. Políticas, movimientos sociales y futuros en disputa en tiempos de pandemia* (107-104). Buenos Aires: Clasco.
<https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2020/08/Alerta-global.pdf>
- Santos, F. (2014). Pesquisa Qualitativa: o debate em torno de algumas questões metodológicas. *Revista Angolana de Sociologia*: 14, 11-24.
<https://journals.openedition.org/ras/1058>
- Tvedten, I., Lázaro, G., Jul-Larsen, E., & Agostinho, M. (2018). *CMI Relatório: A pobreza urbana em Luanda, Angola*. CMI, 7. Luanda.
<https://www.cmi.no/.../file/6500-a-pobreza-urbana-em-luanda-angola.pdf>

A rejeição do isolamento social no contexto da pandemia em Angola: análise sociológica sobre a interrupção do quotidiano dos Kupapatas em Angola

Zamparoni, V. (Janeiro de 2017). Lepra: doença, isolamento social e segregação no contexto colonial em Moçambique. *História, Ciência e Saúde-Manguinhos*, v. 24, 1, 13-39.

https://www.researchgate.net/.../310049853_Lepradoenca_isolamento_e_segregacao_o_ocontexto_colonial_em_Mocambique.pdf